

Editorial

ANTÓNIO DOS SANTOS PEREIRA
Universidade da Beira Interior
asp@ubi.pt

O MUSEU DE LANIFÍCIOS NOS VINTE E CINCO ANOS DE ABERTURA AO PÚBLICO

No princípio, era a lã. Na serra e nos campos, da Beira ao Algarve e ao Douro, estavam os pastos, fazia-se a tosquia dos rebanhos e apartava-se a lã grossa da fina. Na Covilhã, no Fundão e em Portalegre, havia todos os outros trabalhos que fazem um dicionário de tarefas: argueirar, escolher ou apartar, lavar em várias etapas, escarduçar, cardar, pentear, estambrar, fiar, urdir, tecer, pisoar, enfortir, tingir, tosar, espinçar, prensar, empacotar e outras como veremos adiante nas diferentes casas da Real Fábrica de Panos. Em particular, farta de água pelas suas ribeiras, a cidade da Covilhã fez-se de lã tecida com a colaboração de mestres portugueses e também estrangeiros vindos de países onde a tradição imperava, designadamente da Irlanda, e aqui fizeram escola. Porém não há cultura no nosso planeta onde esta preciosa fibra têxtil não tenha lugar. As diferentes civilizações têm-na na sua história técnica e todas as culturas se servem dela e das tarefas que ela impõe até ao pano tecido, grosso e fino, cru e tingido, nos vários âmbitos linguísticos e filosóficos, míticos, literários e artísticos. A cultura beirã de campo e serra, vale e rio, é informada por ela. Tudo na cidade é lã como lembram os antigos e canta o fado de Amália Rodrigues cujas raízes familiares se estendem de Castelo Branco ao Fundão. A Cova da Beira assimilou o melhor do Portugal do Norte e do Portugal do Sul. Não era, pois, difícil encontrar neste território peças para um Museu de Lanifícios. Difícil era levantar um edifício com espaço suficiente para o efeito. Porém tal não foi necessário pois a Covilhã, desde o século XVII, teve grandes estabelecimentos manufactureiros da lã com o brasão real, mais bem dito imperial, dado o facto de um Portugal com tal dimensão e depois os seus empresários fizeram levantar junto às suas ribeiras, alguns edifícios imensos e de bela traça. A Real Fábrica de Panos levantada por provisão régia de 1764 tinha já todas as condições para se tornar no primeiro polo de um museu dedicado à indústria que esteve na base da primeira revolução industrial que mudou o mundo e lhe

deu o conspecto que hoje apresenta ao entrar na dita quarta revolução industrial. Também não faltaram a vontade e a competência. Dois especialistas em arqueologia industrial superintenderam os trabalhos de musealização do espaço: Jorge Custódio e José Amado Mendes. Ambos nos têm socorrido para manter viva aquela área em que continuam como expoentes nacionais na revitalização dos espaços onde aconteceu a História da Indústria Portuguesa, que lhes deve muito na elaboração e reflexão: Alcântara, Moncorvo, Marinha Grande, Tomar, Coimbra e particularmente a nossa Covilhã. O trabalho devotado da Professora Elisa Pinheiro deu forma ao projeto que continua no seu formato original, bem sustentado historicamente e desenvolvido para campo de estudo da evolução da indústria têxtil em todas as suas fases tendo para o efeito sido recuperada a Real Fábrica Veiga junto à ribeira da Goldra, onde fez instalar exemplarmente todas as fases de transformação da lã em tecido e os serviços administrativos e de extensão educativa. Um campo de râmolas junto à ribeira da Carpinteira forma o terceiro polo deste Museu e completa a sua integração no todo urbano e na natureza adjacente de acentuados declives serranos. A escolha do museu para a realização de estágios académicos e profissionais e a elaboração de teses, artigos e ensaios confirmam a importância deste museu para o percebimento da evolução da indústria desde o século XVIII. No geral, todos os que se debruçam sobre a matéria e os que nos visitam realçam a excelência da opção seguida na forma de preservar o património, entendido no seu todo, natural e construído, técnico e artístico.

Comemoramos este ano os 25 anos da constituição do primeiro núcleo do Museu em 1992: a Real Fábrica de Panos. Poucos espaços e lugares cumprem tão bem, como este **monumento industrial**, de acordo ao Prof. José Amado Mendes, as funções de avivamento da **memória têxtil**. O primeiro artigo deste número da *ubimuseum*, **A Indústria em Portugal de Pombal à I República: Revolução Industrial ou Industrialização?**, retoma a conferência excelente proferida nos 250 anos daquele empreendimento pombalino que tivemos oportunidade de comemorar em 2014 com a precisão da data, em 26 de Junho, e outras realizações ao longo do ano. O autor disserta sobre o grande fenómeno da primeira grande Revolução Industrial inglesa no seu modelo original e das que depois foram identificadas na sucessão da utilização de diferentes fontes de energia e novidades técnicas e se contrapõem ao conceito e fenómeno de industrialização, no sentido de adensamento produtivo, observando o mesmo em particular no território português e fazendo a geografia da indústria transformadora portuguesa nos dois últimos séculos. O professor Amado Mendes também nos deixa uma súmula da principal bibliografia para o estudo da matéria. Porque se realizou na Covilhã, em 2016, o congresso da Associação Internacional de Cidades e Entidades do Iluminismo, motivado em muito pela ação pombalina no espaço musealizado, entrevistamos no mesmo com uma conferência cujo texto ora intitulamos: **Produzir na Covilhã: da feitoria mercantil do século XVI à Real Fábrica de Panos do século XVIII e à presença localmente de representantes do poder central**. Retomamos alguma matéria das doutrinas económicas e relevamos os bons princípios a que chegaram os diferentes mercantilismos. Em particular, confirmamos que a valorização dos recursos internos, o controlo alfandegário e as principais achegas de um tempo dito das “Luzes” também podem ser observados nesta cidade em que se nota um esforço de aperfeiçoamento em

todas as fases da transformação de matérias-primas em produtos, qualificando tanto os atos de gestão como o trabalho quotidiano e dando sentido ao agir humano. Notamos ainda que o caráter decisivo do espaço da Covilhã no ramo dos Lanifícios, desde o século XVI aos nossos dias, está bem documentado por instrumentos legislativos e institucionais, pela Arqueologia e pela História e também na Arte e no Romance. A Real Fábrica de Panos é entendida como incentivo a uma produção qualificada e a primeira grande escola industrial daquele núcleo urbano, antes do estabelecimento da Escola Industrial Campos Melo no século XIX e da Universidade da Beira Interior nos nossos dias. Em termos institucionais, tenta-se também realçar a figura do Juiz Provedor dos Panos ou Superintendente e Conservador das Fábricas de Lanifícios através da sua formulação no Regimento de 1690 e da reformulação de 1759. Juntamos ainda um texto também oportuno, **Mateus Fernandes e os motivos têxteis na arquitetura**, comemorativo dos quinhentos anos do falecimento de uma figura que, embora não confirmemos natural da Covilhã, consideramos pelo menos filho adotivo mesmo na forma da expressão artística pois levou para o lavar da pedra as sugestões têxteis. O artigo dos nossos colegas Manuel Saraiva e Ana Madalena Teixeira, **Matemática e Arte**, mostra-nos as respetivas conexões excelentemente visualizadas percebendo-se quanto a matemática é relevante para o desenho têxtil. Este artigo compõe uma peça de material didático que o Museu não pode ignorar dada a sua componente educativa. A História da Arte, em particular cisterciense, regressa na intervenção de Ana Maria Tavares Martins dando-nos conta ainda de um projeto em que o Museu de Lanifícios participou de forma recorrente, **O projeto ORFEUS e a morfologia das arquiteturas de Cister em Portugal**, e que esperamos volte a ter a Covilhã como objeto na procura da abadia perdida de Santa Maria da Estrela. Esta marcou o espaço medieval da Covilhã que a académica Maria da Graça Vicente traz de novo à colação, agora nos caminhos da identidade, em mais um precioso artigo para a História da Covilhã e da Beira em um completo título: **Território e identidade: a Covilhã medieval - a construção de um espaço identitário**. Por sermos muito sensíveis a esta matéria, foi com um regozijo imenso que inserimos aqui uma das abordagens de mais aperfeiçoada análise da obra de Ferreira de Castro, *A Lã e a Neve*, pela doutora Ana Cristina Carvalho, elaborada no ano preciso do centenário da vida literária do romancista e intitulado: **Dos pastos de altitude às fiações industriais: ecos de ecologia humana em A Lã e a Neve**. A autora confirma este romance como um riquíssimo manancial sobre a natureza na serra da Estrela e a vida fabril dos lanifícios da Covilhã aportando uma nova ciência, a Ecologia Humana, capaz de cruzar a Climatologia e a Biologia, a História e a Sociologia, para não dizermos mais, em um texto literário cujas técnicas narrativas é capaz de trazer à colação de forma especializada como mais ninguém.

Fechamos este número com mais uma excelente colaboração da Prof. Dr.^a Elisa Pinheiro, primeira diretora do Museu de Lanifícios e sua permanente inspiração, com o ensaio **A Real Fábrica de Panos, um marco histórico na paisagem industrial e cultural da Covilhã** e a novidade de nos trazer a planta de localização de três dos seus vários pisões, considerando que a mesma contribuiu decisivamente para estruturar o modelo de desenvolvimento económico de mono-indústria e notando assim a sua capacidade de polarização e de impacto na posterior história covilhanense e beirã.